

## ESCOLA DE BETHLEM: AMOR E PEDAGOGIA

SARA AUGUSTO

CENTRO DE LITERATURA PORTUGUESA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

*Meu parvulozinho  
Que não tendes par,  
Feliz quem levar  
De vós o abracinho.*

*Feliz quem lambera  
Os pés e as mãozinhas  
E as lagrimazinhas  
Vo-las detivera. (...)¹*

*Escola de Bethlem, 270*

### ABSTRACT

*Escola de Bethlem* [School of Bethlem], a work published in Évora in 1678, is a result of two factors: in the first place, the author's concern (the Jesuit priest Alexandre de Gusmão (1629-1724), that founded the Bethlehem Seminar in the State of Bahia) with the education of the younger generations and their spiritual training. Secondly, is his special affection for the Lord Jesus in the Crib and his use of this image as a never-ending source of metaphors and images of divine love. The *Escola de Bethlem*, as a compendium of lection and meditation, which is centred on the three paths to spiritual maturity, is a didactic work that perfectly fits into its religious and literary setting.

In its didactic function, and taking into account the Company of Jesus' practices of spirituality and prayer, this work by Alexandre de Gusmão incorporates the need of an intimate relationship between action, mission and evangelization, together with the need of prayer and intimacy with God. Secondly, the *Escola de Bethlem* also follows the principle that oriented most of the religious and moral works of the Baroque time: that the lesson is more effective when given in a more

---

<sup>1</sup> As citações do texto estão actualizadas, acrescentando às normas comuns a simplificação das consoantes duplas, a regularização da forma verbal na 3ª pessoa do plural do presente e do pretérito perfeito do indicativo, da acentuação, das formas Deos /Deus, sae /sai, s/z, he/é, hum/um, hũa/ũa. Foram aplicadas igualmente às outras obras citadas.

pleasurable form. The discursive artifices, the metaphors and emblems, the ingenuity and sharpness, all at the same time capture the reader's attention and satisfaction, making the transmitted lesson more effective. Therefore between the lection and the meditation, *Escola de Bethlem* tells us step by step, class by class, the story of the human soul, up until its union with the divine, from each detail of the nativity scene, the origin and engine of the creation of concepts and the efficiency of education.

## 1.

No primeiro volume da longa novela de Nuno Marques Pereira, o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, publicada em 1728, o Peregrino, simultaneamente narrador e protagonista, curioso, mas sobretudo compenetrado na evangelização das terras do Brasil, iniciou a sua longa viagem, que depois se torna alegórica, nas terras da Bahia em direcção às Minas do Ouro. Logo no capítulo VI, ainda no Recôncavo, passando pela Vila da Cachoeira, o Peregrino descreve a arquitectura e a formosa e rica decoração do Seminário e da Igreja de Belém<sup>2</sup>, fundados pelo Padre Alexandre de Gusmão, descrevendo ao Ancião, interlocutor privilegiado de toda a narrativa, as qualidades do “venerável padre” e do “insigne varão”, acabando por colocá-lo num plano de superioridade em relação a outro herói do mesmo nome, Alexandre Magno.

*Porque é para todos liberal, verdadeiro, cortês, afável, desinteressado, magnânimo, prudente, atento às acções, no ânimo constante, sempre no semblante igual. Sendo um epílogo de todas as virtudes espirituais e morais, como publica o remontado eco, clarim sonoro de suas relevantes prendas, por todo o Mundo, já pela grande fama de insigne Orador, já por Mestre jubilado e Escritor doutíssimo, unindo-se a nobreza de seu preclaro nascimento com o perfeito estado de melhor Religioso. (Peregrino da América, I, 77)*

No que diz respeito à biografia de Alexandre de Gusmão, os dados recolhidos na *Biblioteca Lusitana* (Machado, I, 95-96) e no *Dicionário Bibliográfico Português* (Silva, 1858: I, 32-33) não oferecem grandes motivos de discussão. Nasceu a 14 de Agosto de 1629, aos 10 anos foi com seus pais para o Brasil e ingressou

---

<sup>2</sup> *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, 76: “E despedindo-se de mim o Sacristão, fiquei vendo e observando o primor e arte, com que está feito aquele sagrado Templo, traçado e fabricado por seu Fundador o Venerável Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus, tanto pelas medições e regras da Geometria, como pelas correspondências do bem arrimado dos altares e púlpitos, os quais são feitos de luzida e burnida tartaruga com frisos brancos de marfim, que bem pudera apostar vantagens com o mais perfeito embutido da Europa e do mais luzido jaspe de Génova e pórvido de Itália. E está em tal proporção toda a igreja, que em nada se lhe pode pôr tacha; mas antes tem muito que se engrandecer e louvar. Entrei na Sacristia e vi o grande asseio e alinhado, que tudo me pareceu uma copa bem arrumada, devendo-se isto ao Venerável Padre Alexandre de Gusmão”.

no Colégio da Companhia de Jesus, na Bahia, a 28 de Outubro de 1646. Foi excelente aluno e também um excelente professor, “com particular génio para o governo” (Machado, I-95). Entre as diversas funções de que foi incumbido e que tão bem cumpriu, interessa-nos dar relevo à fundação do Seminário de Belém, na Vila de Nossa Senhora do Rosário, na Cachoeira, a 14 léguas da Bahia, a 13 de Abril de 1687. Faleceu neste Seminário a 15 de Março de 1724, com a propecta idade de 95 anos, tendo orientado discípulos tão ilustres como Bartolomeu e Alexandre de Gusmão, conhecidos pelos notáveis conhecimentos e feitos científicos e diplomáticos.

A fundação do Colégio de Belém prova não só a preocupação do jesuíta com a formação das crianças desde a mais tenra idade, como também o profundo afecto com que venerava o Menino Deus do Presépio. São estes afectos e estas preocupações que podem ter servido como motivo da escrita e da publicação da *Escola de Bethlem*, impressa em Évora, com duas edições, a primeira em 1678, e a segunda já em 1735.

Do Seminário de Belém resta hoje um complexo que em 2007 já se encontrava recuperado e que deixa perceber a harmonia do conjunto que constituiu. Quanto à *Escola de Bethlem*, a sua matéria didáctica e moral, desenvolvida sob a forma metafórica, deu início a uma produção que se organiza coerentemente dentro destes dois parâmetros, conjugando o afecto e a pedagogia. A mesma estrutura, de forma mais ou menos óbvia, segundo o elenco apresentado por Barbosa Machado na *Biblioteca Lusitana*, haveria de ser repetida posteriormente em 1695 com o *Menino Christão*, em 1682 com a longa alegoria da *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (de que foi lida sobretudo a edição de 1685, publicada em Évora, na oficina da Universidade), em 1685 com a *Arte de criar bem os filhos*, em 1689 com as *Meditações para todos os dias da semana*, em 1715 com a *Maria Roza de Nazareth*, em 1720 com a *Eleição entre o bem e o mal eterno*, em 1734 com *O Corvo, e a Pomba da Arca de Noé*, e em 1734 com a *Árvore da Vida, Jesus Crucificado*. Barbosa Machado ainda dá notícia dos manuscritos *Compêndio Perfeito e Noviço Instruído*, que deveriam continuar o mesmo registo de literatura espiritual de instrução e meditação.

A segunda edição da *Escola de Bethlem*, em 1735, mais de cinquenta anos depois da primeira edição, prova que, na primeira metade do século XVIII, esta obra didáctica e espiritual de Alexandre de Gusmão mantinha toda a sua pertinência e actualidade. Nas suas páginas, em que se desenvolvem as três etapas do amadurecimento da alma, é possível encontrar o motivo das analogias que estruturariam todas as novelas alegóricas produzidas no contexto conventual.

## 2.

A *Escola de Bethlem*, compêndio de uma educação espiritual centrada sobre as três vias do crescimento na relação com o divino, começa com a apresentação de uma gravura do Presépio, colocada antes da folha de rosto, da autoria de Richard Collin (1626 ou 1627-c1697), feita em Antuérpia (*Richard Collin sculp. Antv.*). Nascido no Luxemburgo, depois de trabalhar na Academia de Joachim von Sandrart estabeleceu-se em Antuérpia e depois em Bruxelas, e recebeu o título de calcógrafo de D. Carlos II, rei de Espanha. O nome deste hábil gravador não é desconhecido no contexto da produção jesuítica: a *Vida do Padre Joam d'Almeida da Companhia de Jesu*, de Simão de Vasconcelos, publicado em Lisboa, em 1658, vinha ilustrada com um retrato de João de Almeida da sua autoria.

A figuração do Presépio de Richard Collin enquadra-se na melhor tradição da literatura emblemática e representativa. Encimada pela citação bíblica de Isaías, *Erunt oculi tui videntes praeceptorem tuum* (Isaías 30.20), e depois da tarja com o título da obra, sustentada por um anjo, cada figura que compõe a Lapinha está acompanhada da “letra” mais adequada referente ao nascimento do Menino, compondo um conjunto retirado das profecias do Livro de Isaías e dos Evangelhos de S. Mateus e de S. Lucas<sup>3</sup>.

Esta dupla representação, que une a imagem com a letra, constitui um elemento central uma vez que a partir dela se estrutura a pedagogia e a oração levadas a cabo em toda a obra. Cada pormenor da gravura servirá de ilustração para as longas páginas que ensinam e meditam sobre o crescimento espiritual.

Na base da gravura, para além da indicação do autor, dedica-se a obra a S. José, dedicatória que será retomada depois das Licenças, que a consideraram “pia e devota” e, por isso, digna de ser publicada. Esta dedicatória dá início desde logo à construção metafórica, considerando S. José não só o fundador mas também o primeiro discípulo desta escola aqui simulada, porque, como diz Alexandre de Gusmão, seria “debuxo, ou descrição daquela primeira, que fundastes, e versastes”:

*Vós fostes o Fundador; porque fostes o que escolhestes aquela Lapinha para o Filho de Deus nascer, compusstes o Presépio, e arrumastes as palhinhas, em que sua Mãe o reclinou, e sustentastes o Mestre com o suor do vosso rosto, por todo o tempo, que nela ensinou. Vós fostes o primeiro discípulo da Escola de Bethlem; porque vós fostes o primeiro*

<sup>3</sup> A partir do canto superior esquerdo: junto do burro, *Asinus praesepe Domini sui* (Isaías I. 3); por cima da figura de S. José, *Ecce duces ac praeceptorem* (simplificação de Isaías, 55. 4: *Ecce testem populus dedi eum, duces ac praeceptorum gentibus*); por cima da figura da vaca, *Cognovit bos possessorum suum* (Isaías I. 3); junto da figura da Virgem, *Discite a me* (Mateus 11. 29); debaixo da manjedoura com o Menino, *Ipsum audite* (Mateus, 17. 5); junto do grupo dos pastores, *Cognoverunt de Verbo* (Lucas 2. 17).

*depois de sua Mãe, que o adorastes nascido, e que por espaço de quarenta dias, que com ele assististes naquela Lapinha, ouvistes a celestial doutrina, que da cadeira de seu Presépio, com o exemplo mais que com a palavra nos ditou.*

Os fundamentos da analogia estão colocados e o edifício metafórico irá sendo pouco a pouco construído. No Prólogo, percebemos qual será o olhar sobre o Presépio e a devoção do Padre jesuíta: o silêncio, a humildade, o pasmo e a admiração acompanham cada página de meditação sobre o nascimento do Menino. Quanto à metáfora da Escola, aparece claramente justificada: “Dou a este livrinho o título de Escola de Bethlem pelas rezões, que ao diante se apontam; reparto-o em Classes, Lições, e Documentos, porque este estilo pede o nome de Escola, com que sai”. E depois, no Livro I, que funciona como Proêmio, a analogia entre Escola e Belém é desenvolvida detalhadamente, sobretudo no primeiro parágrafo. A cada figurante e a cada pormenor que compõem a Lapinha é atribuído um sentido espiritual (que o Bedel é o Anjo que avisou os pastores e o sino é o celeste que chamou os Sábios do Oriente..., 2-3), definindo de forma mais completa a alegoria da “escola”. Neste contexto, assim desenhado, se insere a matéria a tratar, também ela enformada pelo mesmo símile:

*Em três Classes se reparte a Escola de Bethlem; porque em três partes se divide a Ciência do Céu que nela se ensina. A primeira classe se chama Vida Purgativa; a segunda, Vida Iluminativa; a terceira, Vida Unitiva. Na primeira Classe da Vida Purgativa, nos ensina o Mestre de Bethlem os documentos com que ãa alma se purga dos vícios e pecados pela verdadeira abnegação de si mesmos, e constitui o primeiro estado de estudantes de Bethlem, que chamam de Incipientes. Na segunda classe da Vida Iluminativa, nos ensina os documentos como ãa alma, depois de purgados os vícios, há de plantar as flores das virtudes à imitação das que neste dulcíssimo mistério resplandecem, a qual constitui o segundo estado de estudantes, que chamam de proficientes. Na terceira classe da Vida Unitiva, nos ensina os documentos de amor, com que ãa alma se une com seu Criador, depois de purgados os vícios, e plantadas as virtudes, a exemplo do ardentíssimo amor, que este Senhor nos mostrou em seu Santo Nascimento; e constitui o terceiro estado de estudantes, que chamam de Perfeitos. (3-4)*

Os onze parágrafos deste primeiro Livro permitem construir um longo quadro de analogias, cada uma encontrando a devida correspondência no universo da Lapinha. Mas, para além do exercício metafórico, é possível definir um esquema repetido na arrumação dos parágrafos e inventariar os procedimentos retóricos mais utilizados. Cada passo começa com uma

analogia inicial, com larga demonstração, argumentação e comprovação, e com a conformação final da vontade do sujeito com a lição ensinada. É em cada um destes passos recorre abundantemente ao testemunho das Escrituras, dos escritos dos Santos e dos Padres da Igreja, intensificando cada parte do discurso com invocações, interrogações, enumerações, metáforas e amplificações, quase sempre com efeito anafórico e acumulativo. Desta forma, se cumpria um dos objectivos do discurso barroco, mormente no contexto espiritual, ao mesmo tempo persuadindo e deleitando os leitores.

A leitura mais demorada de alguns trechos permitem perceber o engenho da construção de alguns parágrafos. Como primeiro exemplo, no terceiro parágrafo (*Dos Discípulos da Escola de Bethlem*) onde se proclama que todos são discípulos de Belém, porque o Menino nasceu para todos, como o Sol e a Luz, o sujeito invoca humilde, afectiva e piedosamente, o Deus nascido no Presépio. Sucedem-se os epítetos e os deicticos, reforçando a oposição entre o discípulo ignorante e o Mestre e ao mesmo tempo contrariando a ordem natural do ser menino e do ser mais velho:

*Pois, ó Mestre da minha alma! Ó Doutor Celestial! Eis aqui venho a vós para ser vosso discípulo, para frequentar vossa escola (...). Eu sou um menino pequenino, que não sei por onde entrar, nem por onde hei-de sair, como de si dizia Salamão, com ser tão sábio. Sou um rapaz ignorante, que apenas sei a primeira letra do A, B, C (...). Pois recebei-me em vossa escola: ensinai-me os documentos de vossa doutrina, porque aparelhado estou a ser ensinado de vós; ainda que eu seja velho, e vós Menino (...). (9-10)*

O passo seguinte constitui um jogo retórico que reside na oposição e no rebate de argumentos, mostrando o pleno efeito da persuasão provocada pelo Deus feito Menino, imagem que se revela e se reconhece tão poderosa como a do Cristo transfigurado no Monte Tabor. Obedecendo a uma ordem lógica e dividido em três partes distintas, o excerto considerado começa com a apresentação do conceito: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui, ipsum audite*, Mateus, 17.5). Depois da tradução do conceito, a segunda parte constitui uma glosa da citação do Evangelho, recorrendo à anáfora e à oposição, tanto adversativa como restritiva, tornando mais poderosa a imagem frágil e inocente de um menino deitado nas palhas de uma manjedoura quando em contraste com a glória do Filho de Deus transfigurado.

*Este é o meu Filho, este que haveis de ouvir, e ter por Mestre; não entre Moisés e Elias no Tabor, senão entre o boi e a mula no presépio; não entre os Apóstolos e Patriarcas no monte, senão entre brutos e animais no vale; não entre vozes temerosas de trovão no Céu,*

*mas entre choros amorosos de criança na terra; não entre práticas de Profetas prudentes, senão entre razões de Pastores humildes; não vestido de roupas de glórias, senão enfaixado em cueirinhos de pobre; não vestido de branco como a neve, senão com a neve tremendo de frio. (10-11)*

Termina o excerto com um fecho de metáforas, reunindo as profecias do Antigo Testamento, agora concretizadas na forma mais amorosa e humilde: “Porque ele é o Sol de Malaquias, que havia de nascer; a Estrela de Jacob, que já nasceu; a Aurora de Israel, que já subiu; e o Lume de Simeão, que se manifesta; pois aqui o tendes, ouvi-o, e sede seus discípulos: *Ipsum audite*” (11). O excerto apresenta uma forma circular, terminando no mesmo conceito, à medida da melhor e da mais engenhosa parenética seiscentista.

No quarto parágrafo (*Da boa condição do Mestre de Bethlem*), Alexandre de Gusmão optou por outro procedimento. Depois de descrever o Menino como “benigno e misericordioso”, “manso como um cordeiro”, “tão pacífico como Rei da paz”; “calado”, “tão suave e doce no dizer, que sua língua está manando mel e mais leite”, “gracioso no falar”, “cheio de graça para nos atrair”, “energia no persuadir”, “de tão alta Sabedoria”, “de tão bela e admirável formosura”, virtudes enunciadas ao longo de todo o parágrafo, intensifica ainda mais estas propriedades recorrendo à interrogação acumulativa e anafórica, apresentada em duas séries distintas mas com evidente correspondência entre si, sendo que a segunda série responde às interpelações da primeira.

*Que diríamos nós da sabedoria daquele lapidário, que em ùa jóia tão pequena engastasse a pedraria de todo o Oriente? Que diríamos daquele pintor, que em um pequeno quadro retratasse a redondeza roda do Universo, com os sucessos todos desde a criação do mundo? Que diríamos daquele artifice, que em ùa breve concha recolhesse as imensas águas do Oceano? Que diríamos daquele Doutor, que em um breve volume recopilasse os princípios de todas as artes, os axiomas de todas as ciências, de tal sorte que em aquele só livrinho se contivessem todas com a mesma clareza que em todos os mais volumes? (15)*

*E pois não está isto tudo com maior ventagem naquele corpinho, naquele menino e Mestre de Bethlem? Não sois vós, ó meu Menino, ó meu brinco de ouro, a melhor jóia que Deus fez, o racional da testa de Arão, e o anel do dedo de Deus, em que está engastada a rica pérola da Divindade, com a pedraria toda das perfeições e atributos divinos? Não sois vós o pequeno quadro ou imagem natural do Padre, em que Deus retratou todo o ser de sua sustância, que é maior que o Céu e maior que a terra? Não sois vós a breve concha ou madreperola preciosa, em que se recolheu o imenso pélago da eternidade, imensidade e*

*infinitude de Deus? Não sois vós o Livro da vida, encarnado com a humilde pele de nossa humanidade, e em vosso Nascimento tão abreviado, que recopilastes nele todos os tesouros da sabedoria e ciência de Deus? (15-16)*

A conclusão encerra a lógica do discurso, novamente transferindo a maior glória para um Deus feito menino: “Pois se vós em tão pouco encerrais tanto, se vós em tão pequena lanterna encerrais tanta luz, em tão pequeno Céu tão grande Sol, donde melhor podia resplandecer vossa Sabedoria que em vosso nascimento” (16).

Depois da longa enumeração das virtudes do Menino ao longo de todo o capítulo, o final do parágrafo acontece em forma de recolha, correspondendo ao processo de distribuição levado a cabo, ao mesmo tempo que estabelece a inevitável oposição entre a *Escola de Bethlem* e a *Escola do Mundo*, a que também chama *Babilónia*:

*E pois meu belo e meu formoso, se vós sois um Mestre de tão linda e aprazível condição; se vós sois tão benigno, tão manso, tão calado, tão sábio e tão fermoso, como buscam os homens outros Mestres de mundo e não a vós? Como frequentam a escola de Babilónia e não a vossa de Bethlem? Os homens do mundo tudo é amontoar Mestres que falam ao ouvido e deixam o coração vazio (...); e vós sois Mestre que só falais ao coração, não há quem vos busque, nem que vos ame; para as fábulas e comédias da vaidade todos concorrem à porfia, para ouvir a verdade que vós ensinais todos se afastam. (17)*

Esta inventariação de procedimentos permitiu perceber como o texto flui e se estrutura, sempre de forma lógica e incisiva, mas caprichosa e engenhosa, correspondendo aos procedimentos retóricos mais valorizados pela estética barroca. Mas, sobretudo tendo em conta a última citação, há relações intertextuais evidentes que se vão estabelecendo. Não é difícil reconhecer neste excerto os ecos que darão tanto fruto na narrativa ficcional alegórica. Para além da *História do Predestinado Peregrino* (1682) e das outras obras de Alexandre de Gusmão, do *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (em dois volumes, datados de 1728 e de 1733), de Nuno Marques Pereira, já referido neste ensaio, chegando à vasta obra de Soror Maria do Céu, com *A Preciosa* e os *Enganos do Bosque, Desenganos do Rio* (respectivamente de 1731 e de 1736), ou, de forma mais óbvia ainda, com o *Reino da Babilónia* (1749), de Soror Madalena da Glória, encontramos um conjunto de formas, motivos e temas comuns. Mas não só. A leitura da *Escola de Bethlem* leva-nos a aproximar este texto de carácter edificante e meditativo das melhores páginas da parenética barroca. O *Sermão da Sexagésima*, proferido pelo Padre António Vieira, contemporâneo de tempos



e de espaços de Alexandre de Gusmão, em 1655 na Capela Real, em Lisboa, já tinha condenado as mesmas fábulas e comédias em que se teriam tornado muitas pregações do seu tempo<sup>4</sup>:

*Fábula tem duas significações: quer dizer fingimento e quer dizer comédia; e tudo são muitas pregações deste tempo. São fingimento, porque são subtilezas e pensamentos aéreos sem fundamento de verdade; são comédia, porque os ouvintes vêm à pregação como à comédia; e há pregadores que vêm ao púlpito como comediantes. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comédias em Portugal; mas não foi assim. Não se acabaram, mudaram-se; passaram-se do teatro ao púlpito. (...) Grande miséria por certo, que se achem maiores documentos para a vida nos versos de um poeta profano e gentio, que nas pregações de um orador cristão, e muitas vezes, sobre cristão, religioso! (Sermão da Sexagésima, 17)*

Trata-se, como vemos, de um contexto de temas e formas partilhados, facilmente reconhecível. Um dos aspectos fundamentais é a omnipresença da metáfora, multiplicando-se em analogias soberbamente desenvolvidas e revelando um óbvio comprazimento na sua concepção.

A concepção do presépio como “escola” implica a presença dos discípulos, cuja condição é apresentada e desenvolvida no quinto parágrafo (*Da condição dos discípulos da Escola de Bethlem*). Cada classe representa mais um degrau no processo que constitui o amadurecimento espiritual. As personagens da lapinha favorecem esta analogia. Sendo “de condição simplices e humildes”, os pastores “vigiam e trabalhavam de noite e dia” e, sendo “homens de boa vontade”, mostravam as qualidades aplicáveis aos estudantes da primeira condição (19-20), os da classe dos incipientes. Quanto aos Reis Magos, estes estavam talhados para discípulos da segunda categoria, os proficientes, indo adiante no caminho da perfeição, “que este é o primeiro espírito vital da vida iluminativa” (21). Os passos dos sábios do Oriente quadram com analogia: em primeiro lugar “se puseram a caminho”; depois, coube-lhes perguntar, e esquadriñar os mistérios deste nascimento”; em terceiro e quarto lugares, “hão de entrar dentro da lapinha” e “pôr aos pés deste Menino todos os haveres, e esperanças do mundo e sua vaidade, significados nos três dons, de ouro, mirra e incenso”; finalmente, já em jeito de explicação da analogia, “depois de achado a Deus, há de caminhar por outro caminho” (21). Chegando aos alunos da terceira classe, os perfeitos, apenas caberiam nela a Virgem e S. José, “que foram santíssimos e perfeitíssimos discípulos”, cumprindo com a exigência das condições: “alta oração e contemplação deste mistério”, “conservar e conferir em seu coração

<sup>4</sup> VIEIRA, António (1951) – “Sermão da Sexagésima”. In *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, vol. I, 1-36.

todas as palavras e ponderações que há meditado acerca deste mistério”; “conservar a justiça e santidade” (22) e, dirigindo-se já aos leitores, “se há de deter na lapinha com a Virgem e S. Joseph, até o dia da Purificação” (23).

O percurso tripartido do amadurecimento espiritual, que na *Escola de Bethlem* toma foros de protagonismo, foi retomado por Alexandre de Gusmão na longa novela alegórica que temos referido, a *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*, publicada quatro anos depois. O Predestinado, no seu caminho de Jerusalém, passou por Bethel, a Casa de Deus, onde governava a Caridade, e aí, visitou três bairros (Via Purgativa, Via Iluminativa e Via Unitiva), cada um com o seu Palácio: Coração Limpo, Coração Ilustrado e Coração Perfeito. Trata-se de uma abordagem mais figurativa, sendo que a alegoria torna a doutrina substancialmente mais rica, favorecendo os enredos nos voos da fantasia e da imaginação.

Até ao final deste primeiro Livro, em mais duas ocasiões, o jogo metafórico toma conta do texto, assumindo uma vertente especialmente lúdica. No sétimo (*Do livro em que devem estudar os discípulos da Escola de Bethlem*) e no oitavo parágrafos (*Do índice e tabuada deste Livro*), Alexandre de Gusmão ensaia analogias com base no campo semântico relativo ao “livro”, “índice” e “tabuada”, mimetizando a sua representação física e conceptual. Desta forma, se o Livro é o Menino recém-nascido, o seu Autor é o Espírito Santo, tendo sido impresso no Presépio a vinte e cinco de Dezembro, publicado pelo Anjo aos pastores, aprovado pela Igreja, assim continuando o longo símile pelo parágrafo adiante. Da mesma maneira distribui as matérias relativas ao universo da lapinha e do Menino pelas letras do alfabeto, como se de índice de matérias ou assuntos se tratasse, reunindo nas letras A, B e C, o Amor, a Benignidade e a Caridade do Nosso Salvador, terminando com o Zelo de Deus na última letra do alfabeto.

Alexandre de Gusmão tem consciência do grau lúdico deste exercício metafórico, de tal forma que, nas duas situações apontadas, em que dispõe a matéria por “alusão e metáfora”, deixa bem clara a sua intenção de proporcionar maior devoção favorecendo a curiosidade do leitor: “para maior devação e curiosidade do que isto ler” (32).

### 3.

As três partes de maior consistência da *Escola de Bethlem*, depois do Proémio, estão reunidas nos Livros I, II e III, centrando-se cada um deles nas três vias de acesso à união da alma humana com o Divino, constituindo um dos itinerários espirituais com maior fortuna na história da teologia (VILANOVA, 1992: 182-188). A tripartição da vida espiritual, que aparecia já na obra de Evágrio Pôntico,

que terá falecido por volta de 400, repartia-se em três fases, começando pela prática, passando pela contemplação e terminando na teologia. Mas foi a distinção que remonta ao Pseudo-Dionísio (séculos V e VI) que mais se propagou no Ocidente, distinguindo-se entre via purgativa, via iluminativa e via unitiva. São Tomás de Aquino também fala de principiantes, de proficientes e de perfeitos. Os dois esquemas, o aeropagista e o tomista, foram retomados e conjugados pelos autores dos manuais de espiritualidade, falando-se de três vias e daqueles que as percorrem: a via purgativa, ou a dos principiantes, que se relaciona com a purificação da alma e com a luta contra o pecado; a via iluminativa, ou a dos proficientes, que consiste na prática positiva das virtudes; a via unitiva, ou dos perfeitos, que é a via mística de união com Deus. É este mesmo esquema tripartido e tratado de forma alegórica que encontramos na *Escola de Bethlem*, esta “ciência do Céu”, com seus princípios, axiomas, fundamentos e organização.

Estruturados de outra forma, os *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, por outro lado, não se relacionam com as três vias tal como na obra do Padre Alexandre de Gusmão se apresentam. Constituem um manual prático de meditação, disposto em quatro semanas, abordando os temas essenciais da vida cristã. Tendo em conta o esquema e o modelo tradicional do itinerário espiritual tripartido, esta divisão em quatro semanas não tem explicação acabada. Contudo, representa também um percurso, podendo ser considerado como “el fruto de una reflexión consumada sobre nuestro acto de libertad, vista como el ambiente mismo en que se desarrolla el proceso humano-divino que eleva a alma, del pecado a la unión divina” (FESSARD, 1956: 33).

A opção do Padre Alexandre de Gusmão, deixando de mencionar os *Exercícios Espirituais* de Santo Inácio de Loyola e passando a citar sobretudo o Antigo Testamento, o Livro dos Profetas, as Epístolas, os tratados de S. Gregório, S. Agostinho, S. Bernardo e S. Boaventura, recorrendo ainda com abundância à hagiografia, parecem enquadrar-se num período distinto do “período da maioridade” da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (CANAVARRO, 2004: 32). Neste período anterior, situado entre os finais do século XVI e inícios do século XVII, encontramos, por exemplo, a *Arte de Orar*, do Padre Diogo Monteiro, publicado em Coimbra em 1630, que cita profusamente o mestre fundador da Companhia de Jesus. Diante deste e de outros exemplos (CANAVARRO, 2004: 49), Alexandre de Gusmão representa uma opção mais tradicional, conjugando a eficácia da oração, enquanto forma de união do homem com Deus, com uma intensificação dos afectos pelo recurso constante à analogia e à antítese, valorizando os esquemas de oração e amadurecimento espiritual capazes de representação mais visual e transformando o discurso didáctico numa celebração da imaginação e da fantasia (CASTRO, 1985).

Tendo em conta a sequência lógica do amadurecimento espiritual, o Livro II ocupa-se da primeira classe, ou seja, dos incipientes da via espiritual. Retoma-se matéria já explicada, abordando agora de forma mais concertada, cada uma das três sequências, ocupando um livro com cada degrau. Mantém-se a metáfora, recorrendo às analogias correntes do agricultor e do pastor no cumprimento da Via Purgativa:

*É a primeira classe a que chamam **Via Purgativa**, porque nela o principiante na Via Espiritual não só aprende os primeiros princípios da Ciência do Céu, mas estuda principalmente em alimpar a alma dos pecados e vícios da vida passada, para se gerarem nela as virtudes e dões sobrenaturais; da sorte que se há o agricultor da terra, em que há de plantar as flores, que primeiro alimpa das ervas más, ou como o médico com o doente, que há de curar, que primeiro o purga dos humores nocivos. E como este Mestre celestial veio do Céu para ãa e outra cousa, para agricultor de nossas almas e para médico de nossas enfermidades, necessariamente há de fazer nelas um e outro officio, logo no ponto que levantou sua cadeira na lapinha de Bethlem. (p. 60)*

Os três pilares desta primeira etapa são enunciados em três lições, para cada uma se buscando o Presépio como modelo. Desta forma, no “alimpar a alma dos pecados” e da memória dos vícios do tempo que se quer passado, é necessário o desprezo das coisas do mundo, a penitência e a extirpação dos vícios e das paixões.

Que melhor exemplo de desprezo das coisas do mundo senão o Menino pousado na manjedoura? Em sete documentos se mostra como “em todas as circunstâncias do seu Nascimento, nos procurou este Orador do Céu persuadir esta ciência, mas nunca melhor que fazendo-se pequenino para nos ensinar” (87). Fazer-se menino. Assim haveria também o leitor de fazer neste mundo. Este tema do “desprezo do mundo”, do *contemptus mundi*, foi particularmente caro à literatura barroca, tendo proporcionado algumas das suas melhores metáforas e antíteses. A consciência da efemeridade da vida humana e das coisas da terra levou frequentemente a uma literatura celebrativa do arrependimento e da ascese, quando não levou ao caminho inverso, ao festejar capitosamente o *carpe diem*. O cenário da lapinha de Belém, a manjedoura dos animais, o Verbo nascido carne e nascido na humildade de pobres palhas, induz a vaidade em confusão, mostrando que “toda a carne é feno, e toda sua glória como a flor do feno, que com um assopro se murcha” (69). Nas palhinhas, nos paninhos que envolviam o Menino, em todos os pormenores se mostrava a grande lição do desengano, como se diz no Documento IV:

(...) ãa das cousas em que mais reina a vaidade do mundo é sem dúvida a superfluidade do vestir, a demasia das galas e ornato do corpo na variedade dos trajos. Que melhor retrato da vaidade? Que mais próprio emblema de fanfarrice? E que maior jeroglífico de pompa vã? Assi pintam a vaidade os que a costumam pintar em seu traje natural, da sorte que hoje no mundo se costumam trajar os homens. (...) Que lição esta tão clara para desengano de nossa vaidade! (73)

Intensificando o exemplo e a lição, reforça-se também a visualidade, corporizando o conceito, presentificando-o diante do leitor: retrato, emblema, jeroglífico, pintura. A visualização é favorecida pela analogia e pelas imagens, redobrando o sentido quando os conceitos se sucedem em acumulação, remetendo para o discurso emblemático e pictórico que partilhava com a literatura a representação de imagens. Retomando o tópico horaciano, *ut pictura poesis*, assim se persuadiam com mais eficácia os espíritos humanos, tão arredios da boa lição. E com a metáfora conjuga-se a antítese: se Deus vestiu magnificamente a natureza, tão pouco reservando para si mesmo, será este facto sério documento de reflexão para os homens e para a sua vaidade, “pavões armados e galinhas enfeitadas do mundo” (75).

Ao despojamento junta-se a penitência. Sobre este princípio os documentos sucedem-se praticamente com a mesma ordem, recorrendo ao presépio para também incitar à prática da expiação dos pecados. No primeiro documento contempla-se a perseverança da forma como “busca Deus ao pecador, descendo do Céu à terra feito homem, com tanto excesso de amor” (95), procurando persuadi-lo a corresponder de igual modo e a converter-se. Neste movimento de descida e procura, a *Escola de Bethlem* participa de uma representação do amor divino que faz parte dos enredos de praticamente todas as novelas alegóricas publicadas nos finais do século XVII e na primeira metade do século XVIII, destacando-se as narrativas, já referidas, de Soror Maria do Céu e de Soror Madalena da Glória, desde *A Preciosa*, de 1731, os *Enganos do Bosque, Desenganos do Rio*, com duas partes reunidas em 1741, até aos *Brados do Desengano*, na sua segunda parte, de 1739, e ao *Reino da Babilónia*, de 1749 (AUGUSTO, 2009). As gravuras de Debrie, que acompanham as folhas iniciais de cada capítulo desta última novela, poderiam com a mesma pertinência e a mesma eficácia, acompanhar e servir de ilustração este documento da *Escola de Bethlem*.

Alertando a alma para o seu desvario, Alexandre de Gusmão insiste da desigualdade entre a constância do amor divino e a alma arredia, interpelando sentidamente tanta falta de lucidez:

*É bem que advertias aqui, alma minha, que não só esta primeira vez que nasceu te buscou Deus, quando dele a toda a pressa fugias, mas que outras muitas vezes te busca, para que tornes como fugitiva para teu Senhor e como pecadora te convertas a ele, como a teu Salvador. Oh que de vezes estando tu em pecado te há buscado este Senhor e convidado com a paz! Oh que de vezes, quando mais porfiavas em fugir dele, se te punha diante com santas inspirações e amorosos toques! Quantas te bateu à porta de teu coração e tu lhe deste com as portas nos olhos? Não parece senão que andavas à porfia com Deus: tu a correr para o Inferno e fugir do Céu, ele a ir atrás de ti e a guiar-te para o Céu. Tu porfiavas e ele porfiava; tu fugias e ele corria atrás de ti; tu te escondias e ele te buscava; cerravas os olhos para não ver sua luz, tapavas os ouvidos por não ouvir sua voz, porfiavas por te ir ao Inferno, e ele contudo, nunca cansou de te buscar, nunca deixou de te seguir, enviando-te fortes razões para te converter, contínuas inspirações para te alumiar.*

*Pois que fazes, alma pecadora? Que dureza é esta de coração? Que cegueira de entendimento? Que letargo de sentidos? Onde estás? Que fazes? Que pretendes? (96-97)*

Na terceira Lição, a matéria da extirpação dos vícios e a vitória sobre as paixões exige um discurso mais interventivo, enquadrando-se num dos temas preferidos pela literatura religiosa e espiritual, o combate interior, a psicomaquia. Uma vez que a renovação da vida interior só se alcança “pela contínua guerra e vitória de si mesmos” (120), o discurso passa a adequar-se à nova imagem estruturadora, tornando-se mais incisivo, desenhando novo campo de analogias, indo ao encontro da própria génese da Companhia de Jesus. Desta feita, também o Presépio se oferece como motivo e representa, no estrondo da guerra, o nascimento da milícia espiritual, um armazém de armas espirituais, uma tenda militar:

*Com tantos documentos da milícia, com tantos apetrechos de guerra, que outra coisa nos quer ensinar este soberano Mestre de campo, senão os preceitos da espiritual milícia? Diz-nos sem falar que assi como ele no princípio da sua vida se armou para a peleja (...), nos devemos armar logo no princípio de nossa conversão, para que pela verdadeira vitória de nós mesmos e de nossas paixões sejamos vencedores de três maiores inimigos: o mundo, o demônio e a carne. (124)*

Diante de tal ferocidade inimiga, torna-se essencial a confiança no poder do Mestre, apesar de Menino. Desta forma, Alexandre de Gusmão incita a uma atitude valorosa, procurando na Lapinha o suporte necessário para um combate tão desigual: “não vos desanime o ser tamanino, porque naquela ternura de infante encerra a valentia de veterano, na fraqueza do homem, a fortaleza de Deus” (125), “nem vos acobarde ser um só Infante”, “nem vos acobarde o ser Infante enfaixado, ainda nos cueirinhos de criança” (126). É este “Rei da Paz”

(125) que, em sete documentos, ensina as estratégias da luta contra os pecados capitais, sendo que, em cada um, apresenta o antídoto ou a arma, opondo-lhe as sete virtudes correspondentes e mais eficazes. Assim, contra os vícios da soberba e da avareza o Presépio opõe eficazmente a humildade e a pobreza; contra a luxúria, os castos pensamentos; contra a ira, a mansidão e a paciência do Menino; contra a gula, a temperança; contra a inveja e a preguiça, a diligência e a presteza no cumprimento das coisas de Deus.

Novo movimento este, já não de fuga da alma, mas de reencontro consigo mesma e de confronto com as sombras que nela existem. As novelas alegóricas não podiam deixar de lado as potencialidades pictóricas do épico confronto entre o Bem e o Mal. A sua representação ocupa parte substancial das narrativas, quando a alma humana, na sua forma feminina e delicada, vence as armadilhas de cada um dos opositores, expiando cada um dos pecados, alcançando a vitória de si mesma. A figura de Preciosa, que dá o nome à primeira novela de Soror Maria do Céu, constitui um dos exemplos mais bem conseguidos, prefigurando em si mesma a luta entre as forças do Rei e as forças de Signão, ou seja, entre o sumo Bem e o Mal eterno. Mas o mesmo episódio aparece com outras configurações semelhantes praticamente em todas as novelas alegóricas escritas no Convento da Esperança, tendo sido sujeitas a esta mesma representação da luta interior a Peregrina, dos *Enganos do Bosque*, *Desenganos do Rio*, Alexandre, na segunda parte de *Brados do Desengano*, e Angélica do *Reino da Babilónia*.

Nesta alma, já convencida e capaz de se afirmar numa luta definitiva, desenha-se o exemplo do Presépio, conjugando a fragilidade humana com o poder incutido por Deus. Assim, por um lado o Menino é “cordeirinho manso” e “cabritinho pacífico”, mas “para os rebeldes e turbulentos nasce Leão feroz ou Rinoceronte cruel” (145). E para confirmar esta dualidade, Alexandre de Gusmão recorre ao discurso emblemático, citando o exemplo do Imperador Antonino, contado por Pierio Valeriano no *Hieroglyphica, sive de Sacris Aegyptiorum* (VALERIANO, 1575: 325v), a propósito do emblema da clemência (*quod manifestum et pulchrum admodum est clementiae signum*):

*(...) e senão põe os olhos no seu Presépio e veráis tudo como em um emblema debuxado. Antonino (como escreve Pierio) tomou por empresa de suas armas pintar um corisco sobre um xergão, significando que assi como o corisco resiste às cousas duras e não faz dano às cousas brandas, assi ele Emperador era duro para os duros, e manso para os mansos. A mesma empresa nos pintou Deus naquele Presépio. Sobre o xergão de suas palhinhas está aquela pedra do Céu abrasada em fogo de amor (que não é outra cousa corisco senão ãa pedra do Céu abrasada em fogo). Nesse emblema nenhũa outra cousa nos quis significar senão que como o corisco é manso para os mansos, e para os duros, duro. (145)*

Nestes três Livros a doutrina torna-se progressivamente mais intensa, mantendo os mesmos procedimentos retóricos já apontados. A estes acrescentam-se pequenos enredos, constituídos por exemplos e por casos exemplificativos, capazes de confirmarem a validade da lição transmitida.

O terceiro Livro incide sobre o percurso dos alunos da segunda classe, almas já purificadas, às quais, em três lições, se ensinam a persistência na fé e nas acções virtuosas. Com o seu nascimento, ensinou o Menino o primeiro fundamento das virtudes, que são a Fé, a Humildade e as demais virtudes com que se renova a vida espiritual.

A leitura dos documentos permite perceber determinados aspectos. Em primeiro lugar, a sua construção parece obedecer a uma simetria, depois de encontrada uma ordem lógica. O segundo documento, que na segunda lição “Ensina a humildade na forma de Menino”, é talvez o melhor exemplo desta estrutura tripartida, constituída pela afirmação, pela meditação e pela exortação, sendo que na primeira parte se apresenta a doutrina, na segunda se meditam os seus mistérios, e na terceira se exorta a si mesmo o autor, e aos leitores, a viver *in imo pectore* a doutrina ensinada.

*Afirmação: Se o primeiro documento que este Soberano Mestre nos ensinou de humildade, foi na forma de servo que tomou, o segundo foi na forma de Menino em que nasceu. (...) Aqui está já este Menino no meio de um presépio, aprendamos dele, porque é manso e humilde de coração; Menino nasce porque naquela forma nos quis dar a forma da humildade, que havíamos de guardar; e que mal poderá ser humilde, o que procura ser grande nesta vida. (197)*

*Meditação: Oh meu Menino e Deus soberano! Menino quisestes nascer tamanino, e como um bichinho tam humilde. Como quero eu ser grande nesta vida e magnificar-me sobre a terra à vista de vós? (200)*

*Exortação: Oh não permitais Jesus meu e luz da minha alma, que a ambição e vaidade do mundo me cegue tanto a razão, que não enxergue tanta luz. E se porventura a soberba de meu coração me tem cego para ver vosso exemplo, vós, como Menino, me guiai para que não caia. (201)*

Em segundo lugar, continua-se o procedimento de centrar toda a catequese e meditação sobre o cenário do Presépio, direccionando o olhar do leitor de forma constante para a gravura inicial. Essa percepção é conseguida pelo recurso aos déicticos, como que situando as personagens num espaço desenhado pelos meandros da Lapinha, através da qual se pretende conduzir o leitor. Em



terceiro lugar, também o conceito de emblema se impõe definitivamente. No documento terceiro da mesma lição fala-se de hieroglífico, emblema, pintura, enigma, alusões, termos que cabem no campo da metáfora, figura maior da conceptualização barroca.

*Se Deus Nosso Senhor nos quisesse explicar como em jeroglífico, as propriedades e excelências da humildade, nenhum outro emblema ou jeroglífico nos pudera pintar melhor que este Menino nascido em um presépio. Porque se bem foi esta imagem encarnada inigma escuro para os soberbos do mundo, foi emblema mui claro para os humildes de coração. Enquanto inigma para os soberbos todas suas pancadas e alusões sam de humildade contra a soberba. Enquanto emblema para os humildes, todas suas figuras são representações para nosso documento. (202)*

Todas as figuras e todos os pormenores são alvo de alegorização, servindo para a construção dos mais engenhosos conceitos. Mas o procedimento ainda é levado mais longe no primeiro documento da terceira Lição, sobre a virtude da Pobreza. Cada detalhe da Lapinha é contemplado, desenvolvido em sinédoques, conduzindo o olhar do leitor e efectivando a devida moralização.

*Aqui nesta Lapinha de Bethlem parece que tem seu assento, aqui seu palácio esta gram senhora a Santa Pobreza, como S. Francisco lhe chamava. Aquele Presépio é o trono em que reside, e aquela Lapinha o palácio onde mora. (214)*

*Entra pois, ó alma, nesta classe, e contempla com tudo quanto nela se vê esta aspirando pobreza; o Menino pobre, seu Pai, e sua Mãe pobres, pobre a casa, pobríssimo o enxoval e companhia de pobres. E começando por cada ùa destas cousas em particular, pega logo do melhor, e mais pobre, que é o Santo Menino. (215)*

No livro seguinte, o Livro IV, onde se desenvolve a Via Unitiva, que constitui a terceira classe dos estudos, atinge-se a etapa da perfeição espiritual, no caminho do amor e da união com Deus, colhendo todos os motivos no Presépio. Mantêm-se os procedimentos retóricos, a linguagem visual e as pequenas histórias exemplificativas.

No primeiro documento da Lição inicial, Alexandre de Gusmão faz um elenco das metáforas proféticas do nascimento do Menino, prova da sua veemente vontade de estar entre os homens.

*Por isso na Sagrada Escritura, todas as vezes que se significou o Nascimento deste Menino, foi em figura ou em símbolo, que significasse pressa ou presteza no chegar. A*

*Moisés lhe foi representado em ãa Sarça de fogo, que é dos Elementos o mais activo. A Elias em sopro de vento leve, que em um momento se passa. A David, como relâmpago que em um instante se faz. A Ezequiel em um carro ligeiro ou animais volantes, e a Malaquias em Sol com asas, como ao arrebatado curso do Sol se acrescentassem as asas para maior presteza. Por isso os Profetas quando o anunciavam nascido, era com palavras que significassem a pressa com que vinha. (245-6)*

Assim concretizada esta vontade divina em antigas imagens, também a vontade humana se deve manifestar, num caminho de identificação com o divino e de consciência da luta constante contra a imperfeição. Ao mesmo tempo incorpora no texto um leve sabor etnográfico local ao falar do *tejuvar*, palavra indígena para Presépio, designando uma moradia frágil e construída artesanalmente.

*Este é o meu Deus, hei de fazer-lhe um tejuvar, ou para melhor dizer um presépio, em que o glorifique; porque se o presépio não é outra coisa que um aposento de animais, que outra coisa é meu coração senão um presépio de animais, que são os brutais apetites que nele moram? (251)*

Nesta terceira etapa, já conformada a vontade da alma com o desejo divino da redenção dos homens, a linguagem torna-se mais afectiva e as metáforas de maior intimidade, dirigindo os mais doces epítetos ao Menino nascido no Presépio:

*Oh doce Jesus! Oh doçura de minha alma! Oh abelhinha Celestial! Todo sois doçura, todo abelhinha, porque todo estais manando mel. (266)*

*Corramos pois como o faminto ao favo de mel que Deus nos preparou nesta abelheira do Presépio, metamo-lo na alma e no coração; corramos com as asas do desejo, que são as asas do coração, e metamo-lo dentro de nós mesmos. (268)*

*Essas, ou pérolas ou aljófares, que nascem das conchinhas de vossos olhos, que outra coisa são senão balas que despedis para nos conquistar o coração? (285)*

A transcrição da Oração de S. Boaventura em latim, e depois vertida em romance e arrumada em quadras de sabor ingénuo, preenchidas com diminutivos e advérbios, reforça esse desejo, manifestado em metáforas de carácter físico, de união com o divino. O Menino do Presépio é o próprio Amor e para demonstrar este conceito retoma-se a representação emblemática. Subjacentes à

representação clássica do Amor, convertido ao divino, procedimento próprio da literatura religiosa barroca, percebem-se os antigos emblemas de Alciato.

*O primeiro documento de amor que nos ensina é a forma de Menino em que nos ama. Um rapaz vendado com setas, arco e aljava, é a forma em que pintaram os antigos a figura do amor profano. Nesta mesma forma pintou Deus neste Menino a figura do Amor divino. Menino é porque Menino nasce, as vendas são seus panos, o arco a sua lapinha, a corda as faixas, as setas as palhas, e manjedoura a aljava. (279)*

*Despido pintaram antigamente os homens ao amor profano; vestido pintou agora Deus ao amor divino, e nenhũa outra gala achou Deus mais airosa do que o vestir que de seus paninhos; porque em nenhũa outra sai mais galante, nem mais airoso. Essas pobres faixas são a gala que botais no dia de vosso Nascimento, ó amor de minha alma! (288)*

O desejo da união torna-se cada vez mais perceptível: as ataduras são as faixas do Menino, os pregos são as palhinhas e o grude é o sangue que derramou por nós; “com a consideração de todas estas três cousas se une devotamente a alma e ata com ele” (302). Mas o grande passo está na opção pela metáfora mais completa e total do abandono aos desígnios divinos. No terceiro documento, com o título *Ensina-nos a união, desposando-se connosco*, desenvolve a metáfora do casamento espiritual, contando como o Senhor “se afeiçoou de tal sorte à nossa natureza captiva, que celebrou com ela aqueles divinos desposórios, que começou na lapinha nascendo e consumou na Cruz morrendo” (307).

Trata-se de mais um passo, neste caso o último deste enredo partilhado por toda a literatura espiritual, constante das longas narrativas alegóricas que já nomeámos. Se no *Predestinado Peregrino* o discurso de Alexandre de Gusmão nos parecera didáctico e distante, apesar da alegoria, distanciando-se dos evidentes afectos e da versatilidade sinuosa que conduziram Preciosa, a Pastora ou Angélica, protagonistas das novelas de Maria do Céu e Madalena da Glória, nestes últimos parágrafos da *Escola de Bethlem* o velho mestre jesuíta discorre suavemente sobre a matéria. Acrescente-se que o princípio da analogia é o mesmo: a alma humana, escolhida por Deus e animada a seguir o caminho que a levará à felicidade eterna, depois de arrependida e de penitenciada, suspirando pelo “Esposo amantíssimo”.

Em conclusão do último Livro e da matéria, ensinada ao longo das três classes, ou seja, chegada a alma à perfeição, entoa-se o canto de S. Bernardo. Alexandre de Gusmão medita os mistérios desta última suavidade e extrema doçura:

*Oh dulcíssimo Esposo Jesus! Oh Deus de minha alma, e todo meu bem! (...) vosso nome são os desejos de minha alma, são os suspiros de meu coração. Oh Nome dulcíssimo, Nome suavíssimo, Nome amabilíssimo! Não há em minha boca palavras para te exprimir, nem em meu entendimento conceitos para te explicar, nem em minha vontade afectos para te abraçar, nem em meu coração capacidade para te recolher. Jesus mel in ore, in aure melos, in corde júbilus. Jesus é mel na boca, melodia no ouvido, e júbilo no coração; porque para os que te pronunciam és doce, para os que te ouvem és suave, para os que te amam delectável. Imprimam-se tuas sílabas em minha memória, escrevam-se teus caracteres em meu coração, una-se teu significado com minha alma com laços de amor tão apertados, que nunca eu deles me possa apartar; sejam-me tuas letras de ouro cadeas de aço, com que a si me prenda; sejam-me os cravos e mais a Cruz, com que te formão, cravos e Cruz com que em si me crucifique de tal sorte com que nunca jamais de Jesus me aparte. (319-20)*

#### 4.

A leitura cuidada dos quatro Livros da *Escola de Bethlem*, obra piedosa, didáctica e de meditação, permite perceber como está perfeitamente enquadrada no contexto religioso e literário em que se insere.

Em primeiro lugar, tendo em conta as práticas de espiritualidade e oração da Companhia de Jesus, esta obra do Padre Alexandre de Gusmão, tal como os outros títulos da sua produção, corporiza o princípio da necessidade de íntima relação entre a acção, a missionação e evangelização, com a necessidade de oração e de intimidade com Deus. Desta forma, a maturidade espiritual, conquistada nas três classes da Escola de Belém, exige contemplação e oração, mas impõe sobretudo um empenhamento forte para dominar os apetites da vontade e os devaneios do espírito: de joelhos no presépio, meditando o mistério do Nascimento do Deus Menino, mas incorporados na milícia ao serviço de Deus. Os factos da vida do reverendo Padre Alexandre de Gusmão são um exemplo desta feliz união que marcou os desígnios da Companhia de Jesus.

Em segundo lugar, a *Escola de Bethlem* segue o princípio que norteou grande parte da produção religiosa e moral da época barroca: que a lição se torna mais eficaz quando proporcionada de forma mais aprazível, sendo que, como ficou provado no comentário, o deleite (a curiosidade) deve servir a lição (a devoção). Assim, recuperando novamente a lição de Horácio, *Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci, lectorem delectando pariterque monendo*, os artificios discursivos tornam o texto fluido, variado, flexível, chamando, espicaçando, surpreendendo e orientando a atenção do leitor. A estrutura dos documentos morais, seguindo procedimentos variados e diversificados, o constante recurso à metáfora, tanto no nível micro como macro-textual, a introdução de

pequenas narrativas de carácter exemplificativo, o carácter visual da dissertação, recorrendo frequentemente à representação emblemática, são factores que tornam o discurso extremamente apelativo. E engenho e agudeza invadem cada parágrafo, cada documento, mas o que se torna mais visível e definitivo é a forma como a *Escola de Bethlem* participa no universo mais abrangente da literatura espiritual, em particular, e do discurso literário e artístico barroco, em geral. Deste modo, partilhando temas e formas, o texto de Alexandre de Gusmão torna-se reconhecível, despertando níveis de aceitação e satisfação no leitor, detentor da mesma linguagem, tornando-se também, por isso mesmo, efectivo na sua perspectiva didáctica.

Foi esta inclusão num macro-discurso que nos permitiu reconhecer as fortes ligações com outros géneros literários, da poesia à ficção e à parenética, gozando de uma proximidade de temas e formas. É óbvio que tal ligação se torna ainda mais forte e evidente neste período que podemos situar, mais ou menos, entre a segunda metade do século XVII e a primeira metade do século XVIII, no campo da produção no contexto religioso e conventual.

E não se trata apenas de intertextualidade temática ou formal, como fomos dando conta ao longo desta leitura e ao nomearmos obras e autores onde esta pareceu mais convincente, mas de uma partilha mais interna e mais profunda. Tal como cada novela moral e alegórica transporta com o seu enredo um conjunto considerável, mais ou menos manifesto, de conteúdo didáctico, de lições e documentos morais, a *Escola de Bethlem* permite-nos verificar como a situação inversa também pode acontecer. Trata-se de uma efectiva miscigenação de géneros literários. O percurso de Preciosa, da Pastora e de Angélica, protagonistas de três novelas alegóricas de Soror Maria do Céu e Soror Madalena da Glória, ou ainda a jornada do Predestinado Peregrino, narrada por Alexandre de Gusmão, representam a viabilidade das três vias espirituais no alcançar da salvação. Cada etapa do enredo, cada avanço, cada recuo, cada conflito, cada render de alma, concretiza a passagem pelas três classes até ao exame final, onde se apura a perfeição necessária. Mas a *Escola de Bethlem*, estabelecendo caminhos por entre a lição e a meditação, desenha esse mesmo enredo, contando-nos a história da alma humana, etapa a etapa, classe a classe, até à feliz união com o divino.

Qual o factor da diferença da *Escola de Bethlem*? Todo o seu engenho e agudeza estão na forma como a matéria espiritual se faz apresentar a partir de uma gravura inicial e para ela aponta continuamente, estabelecendo laços impossíveis de ignorar entre o discurso literário e o discurso visual e compondo uma unidade bem construída e adequada aos fins didácticos pretendidos. A representação do presépio surge como origem e motor da produção de

conceitos, com base em analogias estabelecidas com rara argúcia e atenta observação de cada figura e de cada pormenor da lapinha.

As últimas linhas da *Escola de Bethlem* fundem as duas realidades, a do ensino e da metáfora, mostrando o cumprimento de um longo caminho. Aliás, esta é a principal diferença entre a “escola” e a “escola de Belém”: a última dura a vida inteira, ficando muitas vezes as três classes por cumprir.

*Sigamos, ó Senhor Jesus, a vós, por vós, e para vós, porque vós sois caminho, verdade e vida, caminho no exemplo, verdade na promessa, e vida no prêmio, que o mesmo Senhor terá por bem conceder a todos os discípulos de sua Escola de Bethlem. Amen. (321)*

## BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, Sara (2011) - *A alegoria na ficção romanesca do Maneirismo e do Barroco*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- AUGUSTO, Sara (2007) - “Entre o céu e o abismo ou a História do Predestinado Peregrino e seu irmão Precito”. In *Máthesis*, 16, 125-143.
- AUGUSTO, Sara (2008) - “A predestinada Peregrina: dos *Enganos do Bosque* aos *Desenganos do Rio*”. In *Máthesis*, 17, 157-174.
- AUGUSTO, Sara (2009) - “As histórias de Preciosa, Peregrina e Angélica ou as metamorfoses da alma”. In *Mulher. Espírito e Norma. Actas do IV Encontro Cultural de São Cristóvão de Lafões*, 31-48.
- CANAVARRO, Abel (2004) - “O Padre Diogo Monteiro, a sua *Arte de Orar*”. In *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII. Espiritualidade e Cultura*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Fac. Letras da Univ. Porto / CIUHE, vol. I, 31-65.
- CASTRO, Aníbal Pinto de (1985) - “Os códigos poéticos em Portugal do Renascimento ao Barroco. Seus fundamentos. Seus conteúdos. Sua evolução”. In *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 31, 505-531.
- FESSARD, G. (1956) - *La dialectique des exercices spirituels de S. Ignace de Loyola*. Paris.
- GUSMÃO, Alexandre de (1678) - *Escola de Bethlem, Jesus nascido no Presépio*. Évora: Of. Universidade.
- GUSMÃO, Alexandre de (1685) - *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito*. Évora, Of. da Universidade.
- HORÁCIO (2001) - *Arte Poética*. 4ª ed., trad. R. M. Rosado Fernandes. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- MACHADO, Barbosa (1965-1967) - *Biblioteca Lusitana*. Coimbra: Atlântida Editora.
- PEREIRA, Nuno Marques (1939) - *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira.
- SANTOS, Zulmira C. (2004) - “Emblemática, memória e esquecimento: a geografia da salvação e da condenação nos caminhos do ‘prodesse ac delectare’ na *História do Predestinado Peregrino e seu Irmão Precito* (1682) de Alexandre de Gusmão SJ [1629-

1724]”. In *A Companhia de Jesus na Península Ibérica nos sécs. XVI e XVII. Espiritualidade e Cultura*. Porto: Instituto de Cultura Portuguesa da Fac. Letras da Univ. Porto / CIUHE, vol. II, 581-599.

SILVA, Inocência Francisco da (1958-1923) - *Diccionario Bibliographico Portuquez*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VALERIANO, João Pierio (1575) - *Hieroglyphica, sive de Sacris Aegyptiorum, aliarumque gentium literis Commentarij Joannis Pierii Valetiani (...)*. Basileae. Per Thomam Guarinum.

VIEIRA, António (1951) - “Sermão da Sexagésima”. In *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, vol. I, 1-36.

VILANOVA, Evangelista (1992) - *Historia de la Teología Cristiana*. Barcelona: Editorial Herder, vol. II.